

# Ambiente, Território e Sociedade

## Novas Agendas de Investigação

João Ferrão  
Ana Horta  
(coordenadores)

João Ferrão  
Ana Horta  
Luís Balula  
Marco Allegra  
Olívia Bina  
Paulo Granjo  
(conselho editorial)

ICS

Imprensa  
de Ciências  
Sociais

Ana Delicado  
Jussara Rowland  
Ana Nunes de Almeida  
Luísa Schmidt

## Capítulo 12

# As catástrofes ilustradas pelas crianças: uma abordagem exploratória

## Introdução

As sociedades contemporâneas vivem sob a ameaça de perigos vários, de tal forma que alguns autores as consideram sociedades de risco. Não só o desenvolvimento tecnológico trouxe riscos novos (acidentes nucleares ou industriais, desastres aéreos, terrorismo em larga escala), como mesmo os riscos naturais tendem a agravar-se (veja-se o efeito das alterações climáticas sobre a frequência e intensidade de eventos extremos, como furacões ou secas). Apesar da crescente capacidade da ciência de prever e mitigar os riscos, persistem incertezas e controvérsias, que impõem a necessidade de incorporar as perspetivas e os valores dos cidadãos numa governança do risco inclusiva (Renn 2008).

As crianças são geralmente um elemento esquecido na gestão participada do risco.

As crianças são geralmente um elemento esquecido na gestão participada do risco. Apesar de mais vulneráveis e destinatárias frequentes de programas e medidas de prevenção e salvaguarda em caso de catástrofe (vejam-se os planos específicos de proteção civil para escolas), as suas perspetivas e o seu contributo para resiliência das comunidades não são geralmente tomados em conta.

O projeto internacional CUIDAR Culturas de Resiliência ao Desastre entre Crianças e Jovens visa contribuir para preencher esta lacuna.<sup>1</sup> Pre-

<sup>1</sup> Este projeto recebeu financiamento do programa de investigação e inovação da União Europeia *Horizon 2020* sob o acordo de financiamento n.º 653 753. Decorre entre 2015-2018, é coordenado por uma equipa da Universidade de Lancaster, no Reino Unido (li-

*Ambiente, Território e Sociedade*

tende proporcionar canais de comunicação inovadores e criativos para que as vozes das crianças sejam ouvidas, e desenvolver um enquadramento de gestão de catástrofes centrado nas crianças a ser usado por decisores políticos nos países participantes, na União Europeia e noutros contextos.

O princípio de dar voz às crianças que norteia este projeto começou a ser aplicado logo na fase de criação do logotipo. Este foi escolhido com base num conjunto de desenhos efetuados por crianças a frequentar o 5.º e o 6.º anos do ensino básico em 3 escolas da Área Metropolitana de Lisboa.<sup>2</sup> Paralelamente, os desenhos recolhidos permitiram à equipa de investigação começar a apreender as conceções e perceções do conceito de catástrofe entre as crianças. Se o desenho é uma metodologia de investigação com crianças crescentemente utilizada, ao captar outras facetas das suas experiências e perspetivas, competências não-verbais e interesses não-ditos (secundarizados nos métodos narrativos), proporcionando maior autonomia, naturalidade e espontaneidade na expressão infantil e mais simetria de poder entre as crianças e o adulto-investigador (Almeida e Delicado, no prelo; Punch 2002; Warming 2011), na temática das catástrofes, tem-se revelado particularmente útil. Dos terremotos (Izadkhan e Gibbs 2015) aos tornados (Sunal e Coleman 2013), da erupção de vulcões (Bird e Gísladóttir 2014) às inundações (Walker *et al.* 2012), vários estudos se têm sustentado nos desenhos de crianças para aceder às suas perceções e conhecimentos sobre estes fenómenos, mas também para compreender as suas estratégias de autoproteção, resposta e resiliência às catástrofes.

## Desenhos de catástrofes

Dada a finalidade principal dos desenhos (criação do logotipo), a aplicação desta metodologia não seguiu os passos habituais (conversas indi-

---

derada por Maggie Mort), nele participam a organização Save the Children UK (Reino Unido), a Universidade Aberta da Catalunha (Espanha), a Save the Children Italia (Itália), a Universidade de Tessália (Grécia) e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

<sup>2</sup> Com a colaboração da ABAE, Associação Bandeira Azul da Europa, contactaram-se escolas do ensino básico da região de Lisboa, no sentido de se candidatarem à participação nesta iniciativa. Treze escolas responderam ao desafio, das quais foram escolhidas três, localizadas nos concelhos de Cascais, Loures e Sintra. Com o apoio dos respetivos professores, realizaram-se sessões de desenho em duas turmas de cada escola em maio e junho de 2015, com a participação de cerca de 20 alunos por turma (na sua maioria crianças entre os 10 e os 12 anos). A participação nesta atividade foi precedida do preenchimento de formulários de consentimento informado pelos pais e pelas crianças. Foram assim recolhidos 123 desenhos, posteriormente digitalizados e carregados *online* num blogue (<http://desenhoscuidar.tumblr.com>).

*As catástrofes ilustradas pelas crianças: uma abordagem exploratória***Figura 12.1 – Sessão de desenho sobre catástrofes numa escola básica**

Fonte: Ana Delicado, 2015.

vidualizadas com as crianças após a realização do desenho) que permitem fazer interpretações mais ricas. As sessões de desenho tinham início com uma muito breve apresentação do projeto pelas investigadoras, seguida de uma discussão não estruturada com as crianças sobre o que para elas são catástrofes. Seguidamente, as crianças executavam o desenho livremente numa folha com quadrícula. Os desenhos permitem no entanto aceder a representações das catástrofes pelas crianças, identificando os elementos e as situações mais recorrentes.

Nos desenhos obtidos, as catástrofes que surgem mais vezes referenciadas são as erupções vulcânicas e a queda de meteoritos (perto de 30 vezes), seguidas de tempestades, sismos, tornados e maremotos (referenciadas cerca de 15 vezes) e, por fim, os incêndios urbanos ou florestais e as inundações (cerca de 10 vezes). Para além destas catástrofes, surge um número muito alargado de outras com muito menor frequência (deslizamentos de terra, poluição do mar, atropelamentos, guerra, etc.). Ao todo foram identificados 34 tipos diferentes de catástrofes nos 123 desenhos.

As catástrofes desenhadas podem ser classificadas em três tipos: catástrofes naturais (tornados, queda de meteoritos, maremotos, sismos, tempestades, incêndios florestais,<sup>3</sup> vagas de calor, etc.); catástrofes antrópicas

<sup>3</sup> Apesar de os incêndios florestais poderem ter uma origem antrópica (por descuido ou intenção criminosa), também é possível ter causas naturais.

*Ambiente, Território e Sociedade*

**Figura 12.2 – Desenhos com múltiplas catástrofes**



Fonte: Desenhos obtido na atividade de ilustração para o logotipo do projeto (junho de 2015).

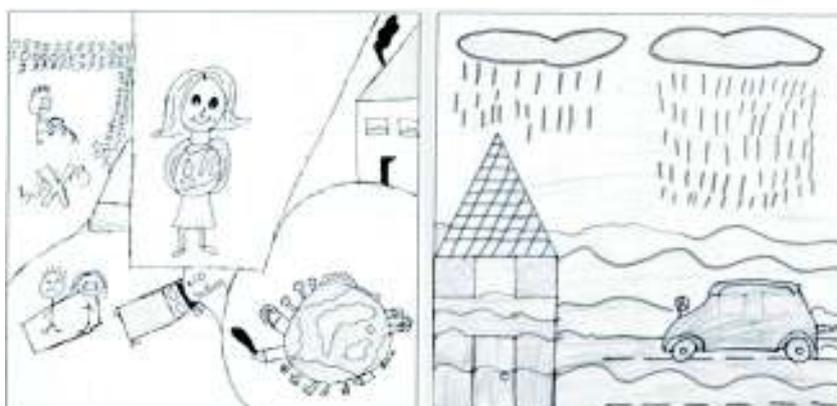
(catástrofes que resultam de ações/vulnerabilidades humanas, como poluição, incêndios urbanos, derrocadas de prédios, naufrágios, desastres aéreos, desflorestação, etc.) e riscos sociais (situações geradas socialmente, como guerra, fome, abandono de animais, acidentes de trânsito, *bullying*, raptos, assaltos, etc.). As catástrofes naturais estão representadas em mais de 70% dos desenhos. As catástrofes antrópicas em cerca de 20% e os riscos sociais em cerca de 10%.

A predominância de desenhos ilustrando vulcões em erupção e queda de meteoritos, catástrofes que representam riscos distantes (em termos territoriais e de probabilidade) do dia a dia dos participantes da atividade, vem evidenciar as múltiplas influências (nomeadamente os *media* e a ficção audiovisual) na construção do imaginário catastrófico de crianças destas idades.

O peso de situações de riscos vividas diretamente no dia a dia por este grupo de crianças nas suas opções para os desenhos é bastante mais complexo de descortinar. Os sismos, por exemplo, um dos maiores riscos de catástrofe para quem vive na área de Lisboa, têm direito à mesma atenção que outros mais distantes da realidade portuguesa, como os tornados. Alguns dos riscos sociais selecionados pelas crianças podem ser também mais próximos do seu quotidiano, nomeadamente o *bullying*, os acidentes rodoviários (atropelamentos) ou mesmo a fome. Dentro desta categoria encontramos também outros temas, como raptos, assaltos ou guerra (que remete para imaginários mais distantes). É também de destacar que nove dos dez desenhos relacionados com o tema das inundações foram dese-

*As catástrofes ilustradas pelas crianças: uma abordagem exploratória*

**Figura 12.3 – Bullying e inundação**



Fonte: Desenhos obtido na atividade de ilustração para o logotipo do projeto (junho de 2015).

nhos dos meninos da escola de Loures, o que poderá associar-se ao facto de a escola se encontrar perto do leito do rio Trancão, muito suscetível a inundações.

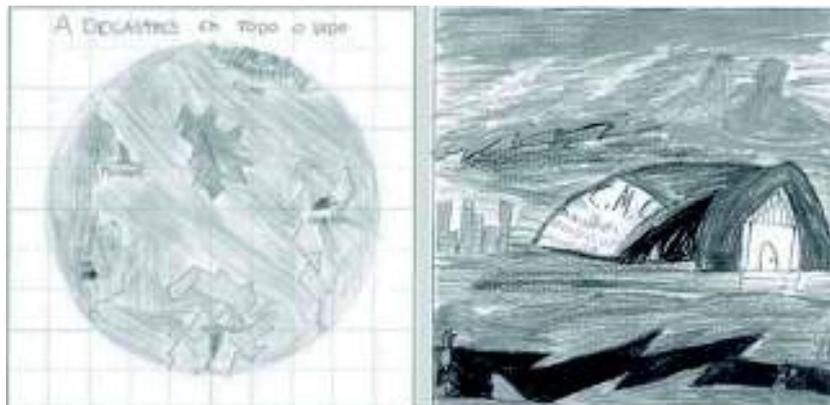
### O global e o local

De entre todos os desenhos, um número relativamente elevado (22) recorre à representação do planeta Terra para falar do tema das catástrofes. Esta imagem está sobretudo presente naqueles que representam meteoritos a cair sobre a Terra, mas não só. Um planeta Terra ferido com um penso rápido, uma Terra antropomorfizada a chorar pelo seu estado de destruição ou, de forma ainda mais explícita, um desenho do planeta com várias catástrofes a ocorrer ao mesmo tempo nos vários continente como *slogan* «a [sic] catástrofes em todo o lado», são imagens que tendem a veicular a noção do universalismo da catástrofe e da dimensão do risco que o planeta no seu todo corre em relação a tais eventos.

A exceção surge com alguns desenhos onde houve intenção em contextualizar a catástrofe numa realidade próxima, do ponto de vista territorial (local ou nacional) ou histórico. No caso daqueles referentes a situações não-reais, essa contextualização foi feita, por exemplo, por uma criança que ilustrou um avião a ir de encontro a um prédio (imagem associada ao 11 de setembro), mas em que o avião tem o logotipo da TAP, introduzindo no desenho uma referência nacional. O mesmo acontece com dois desenhos feitos por estudantes da escola de Cascais, um de

*Ambiente, Território e Sociedade*

**Figura 12.4 – Catástrofes globais e locais**



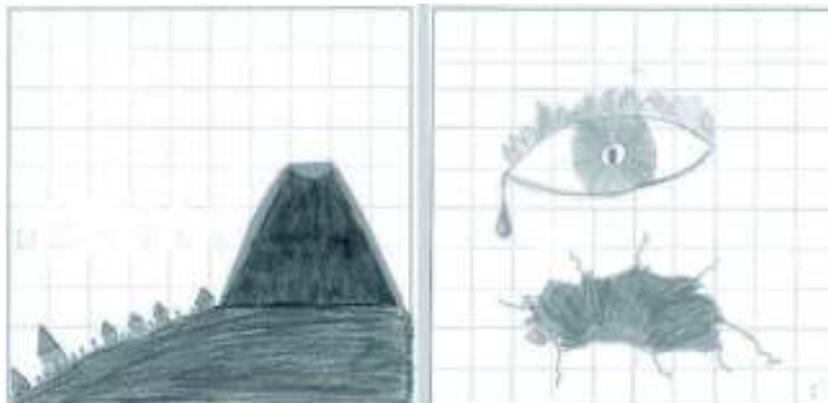
Fonte: Desenhos obtido na atividade de ilustração para o logotipo do projeto (junho de 2015).

uma multicatástrofe de grande impacto (sismo, fratura da crosta terrestre, vulcão) e um de um maremoto, onde surge um edifício com a indicação CMC (Câmara Municipal de Cascais), contextualizando as catástrofes representadas no território de residência das crianças. Do ponto de vista de eventos históricos, é o caso de um desenho que representa um sismo e em que estão ilustradas lápides com a indicação do ano de 1755 para a data de morte (remetendo assim para o terramoto de Lisboa).

### **Antes, durante e após**

As catástrofes são eventos dinâmicos que não podem ser reduzidos a um único momento, mas que são compostos por várias outras fases, prévias e posteriores ao impacto. A técnica do desenho obriga as crianças a centrarem-se num desses momentos, optando por ilustrar aquele que para elas melhor representa o que é uma catástrofe. Da análise dos desenhos é possível perceber que essa opção está em grande parte associada ao tipo de catástrofe que o participante escolheu desenhar. Catástrofes naturais facilmente visualizáveis no momento em que já são inevitáveis, como a trajetória de queda de um meteorito sobre a Terra, a lava de um vulcão a escorrer em direção a uma localidade, ou um maremoto a dirigir-se para a costa, são eventos muitas vezes retratados no momento prévio ao impacto e que obrigam o observador a imaginar o que irá acontecer no momento a seguir.

Sismos, incêndios, tempestades e tufões, entre outros, são por sua vez catástrofes maioritariamente representadas no momento do seu impacto

*As catástrofes ilustradas pelas crianças: uma abordagem exploratória***Figura 12.5 – Antes da catástrofe e após a catástrofe**

Fonte: Desenhos obtido na atividade de ilustração para o logotipo do projeto (junho de 2015).

e visualmente associadas aos seus efeitos destruidores. O mesmo ocorre com muitos dos desenhos que se focam em catástrofes antrópicas ou riscos sociais: *bullying*, assaltos, suicídios, desflorestação, poluição, entre outras, são situações ilustradas no momento em que estão a decorrer.

São mais raros os desenhos que se centram no momento posterior à catástrofe, ou seja, no rasto de destruição que ela deixa a nível físico e psicológico. Neste último caso são de destacar os desenhos em que as crianças optaram por se centrar não no evento catastrófico, mas no sofrimento provocado pelo evento, como é o caso do desenho do cemitério do terremoto de 1755, ou de um outro desenho, de carácter simbólico, em que um olho gigante com um caixão refletido na pupila chora lágrimas de sangue.

Este projeto contribui para o cumprimento da dupla missão do Grupo de Investigação Ambiente Território e Sociedade: promoção das relações ciência e sociedade e envolvimento da comunidade e fornecimento de informação para a decisão política.

## Os passos seguintes

Este foi o primeiro passo de um projeto que acaba de começar, que proporcionou informação de natureza eminentemente exploratória. A concretização dos objetivos do projeto – promover a inclusão das crianças e dos jovens no processo de planeamento e gestão de catástrofes – passará em primeiro lugar por realizar atividades de diálogo com as

*Ambiente, Território e Sociedade*

crianças, em escolas de diferentes zonas do país, sujeitas a riscos urbanos diferenciados, que permitam captar as suas perspetivas e os seus contributos para a prevenção, mitigação e resposta resiliente aos riscos. Seguidamente, terão lugar *workshops* com técnicos e decisores políticos a nível local, com a finalidade de comunicar os resultados do diálogo com as crianças, sensibilizando-os para a incorporação dos seus contributos nos planos locais. Por fim, será organizado um evento a nível nacional, dirigido a decisores políticos e *stakeholders*, para comunicar os resultados do projeto e a importância de ouvir a voz das crianças na gestão de catástrofes. A conjugação de resultados de atividades semelhantes nos países parceiros, salientando transversalidades e especificidades, proporcionará contributos para a formulação de políticas a nível europeu.

Este projeto contribui para o cumprimento da dupla missão do Grupo de Investigação Ambiente Território e Sociedade: promoção das relações ciência e sociedade e envolvimento da comunidade e fornecimento de informação para a decisão política.

## Referências

- Almeida, Ana Nunes de, e Ana Delicado (no prelo). «Crianças Online: Metodologias Visuais, Novas Descobertas e Desafios Éticos». In *Entre a Palavra e a Imagem: Metodologias de Pesquisa com Jovens*, org. Vítor Ferreira. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Bird, Deanne, e Guðrún Gísladóttir. 2014. «How the children coped with the April 2010 Eyjafjallajökull eruption in Iceland». *Disaster Resilient Australia: Get Ready*, April 2010: 50-55.
- Izadkhah, Yasamin O., e Lisa Gibbs. 2015. «A study of preschoolers' perceptions of earthquakes through drawing.» *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 1-8.
- Punch, Samantha. 2002. «Research with children: the same or different from research with adults?». *Childhood* 9 (3): 321-341.
- Renn, Ortwin. 2008. *Risk Governance*. Londres: Earthscan.
- Sunal, Cynthia Szymanski, e Julianne M. Coleman. 2013. «Social studies beginnings: investigating very young children's prior knowledge of a disaster». *Social Studies Research and Practice* 8 (3): 21-42.
- Walker, Marion, Rebecca Whittle, Will Medd, Kate Burningham, Jo Moran-Ellis, e Sue Tapsell. 2012. «'It came up to here': learning from children's flood narratives.» *Children's Geographies* 10 (2): 135-150.
- Warming, Hanne. 2011. «Getting under their skins? Accessing young children's perspectives through ethnographic fieldwork.» *Childhood* 18 (1): 39-53.